The background of the entire page is an impressionist painting. It depicts a path or stream winding through a dense forest. The brushstrokes are thick and textured, with a rich palette of greens, blues, and earthy tones. The light is dappled, creating a sense of depth and atmosphere. The overall style is reminiscent of J.M.W. Turner or similar 19th-century landscape painters.

RIACHOS TRANQUILOS

Uma semana numa jornada por uma vida
mais cheia de contentamento e propósito

Andréia Janecek

com poema de Emily Janecek



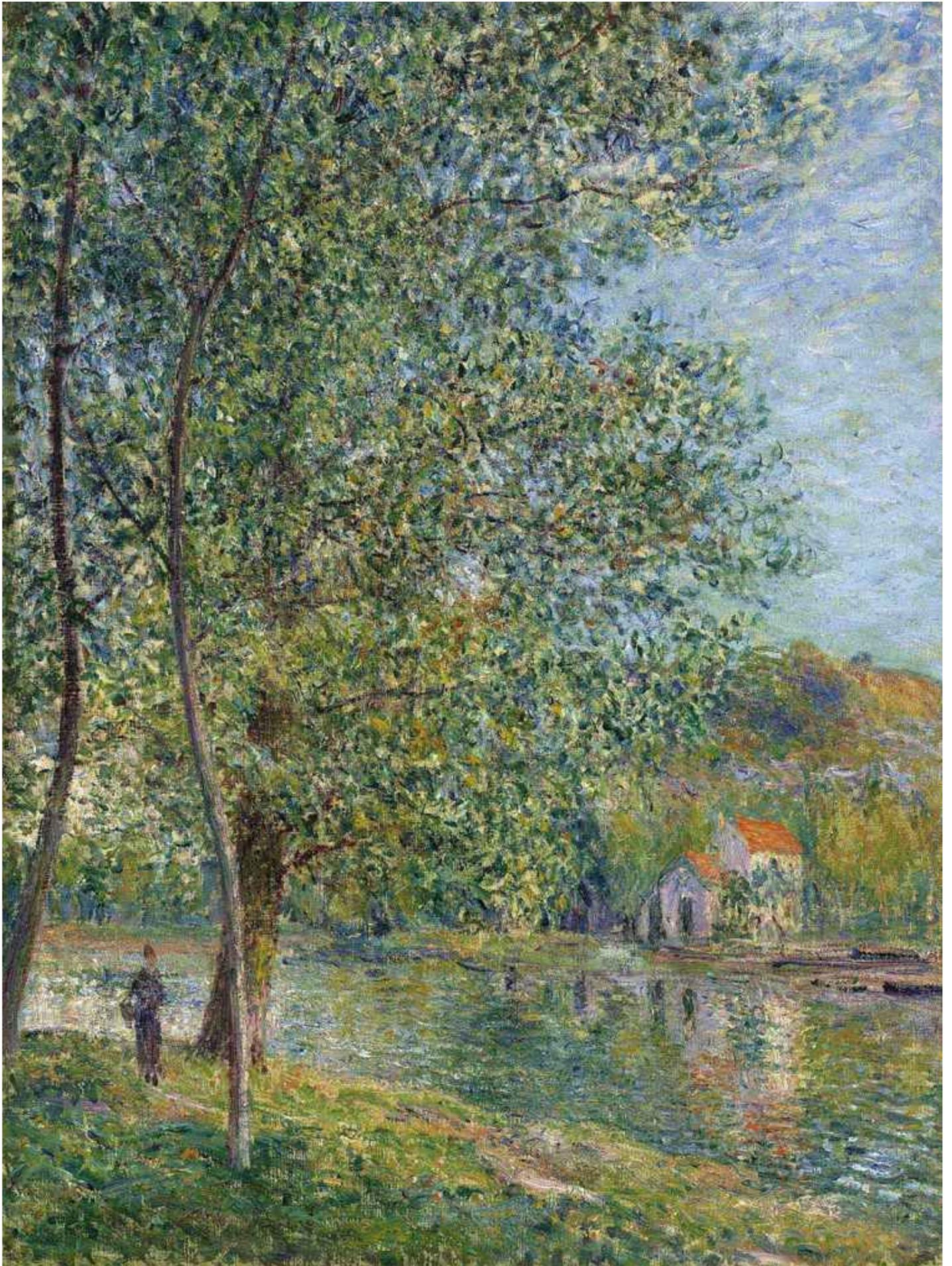
RIACHOS TRANQUILOS

Uma semana numa jornada por uma vida
mais cheia de contentamento e propósito



Andréia Janecek

com poema de Emily Janecek



CAPÍTULO I

SEGUNDA-FEIRA

Espreguiço meu corpo, me levanto e, com delicadeza, fecho a porta do quartinho da minha filha, que tem os lábios entreabertos característicos do seu sono profundo.

Volto ao quarto, afofo os travesseiros e sento-me com as pernas cruzadas. Estico a mão em direção à cadeira de madeira branca que fica ao lado da cama e faz as vezes de uma mesa de cabeceira. Em cima de uma pequena pilha de livros (o romance que estou lendo, o romance que Tom está lendo, o romance que quero ler na sequência, o romance que Tom já acabou de ler e um livrinho que lemos para Aurora ontem à noite) está o meu laptop.

Costumo usar a meia horinha antes de minha filha despertar para colocar fones, ouvir uma música suave e enviar um e-mail exageradamente longo aos meus pais contando detalhes do dia anterior e pedindo notícias deles. Sempre incluo alguma foto do nosso dia a dia que encontro no rolo da câmera do celular. São, normalmente, registros de detalhes do nosso cotidiano na nossa pequena casa.

Ontem, por exemplo, lhes enviei uma foto que mostrava a felicidade de Aurora com suas novas galochinhas azuis pulando numa poça d'água perfeitamente redonda na calçada. Tom a protegia da chuva fraca com um guarda-chuva de plástico transparente e, logo atrás deles, um casal andava bem abraçado um ao outro, a moça rindo enquanto ele falava algo em seu ouvido.

Quando escrevo estes e-mails sinto que eu deveria estar preenchida pela mais pura alegria pelo que vivemos. O tão desejado sonho de viver numa

casinha no interior realizado. Aurora crescendo saudável e radiante. Meu marido prosperando em sua carreira. O que me falta? Por que mal percebo tantas conquistas e bons acontecimentos?

Termino o texto me sentindo ingrata. Será que realmente sou esse tipo de pessoa eternamente insatisfeita, sempre desejando mais e nunca estando verdadeiramente contente com o presente?

O que me falta?

Mal pressiono "enviar", e Tom chega com duas xícaras de café soltando fumacinha. Ele me entrega uma e coloca a outra com cuidado em cima da pilha de livros na cadeira. Tomamos o café assim, em silêncio, apenas sentindo o calor revigorante da bebida.

Tom sai cedo e passa o dia todo longe, e isso significa que eu, teoricamente, teria o dia todo para adiantar as minhas coisas, ajeitar a casa, brincar e ler para Aurora, preparar as refeições e aproveitar as brechinhas do dia para trabalhar na minha arte.

Mas, sendo bem sincera, parece que eu mal pisco e o dia já passou sem que eu desse conta nem do básico. Sim, eu sei. Não devo me cobrar tanto. Porém como faço para lidar com a sensação de frustração que me acomete, sem pestanejar, todas as noites quando deito minha cabeça no travesseiro? Como faço para deixar o celular de lado e focar no que precisa, de fato, ser feito? Como faço para parar de dar atenção às reclamações que rondam a minha mente todo o tempo? Como faço para ter ânimo e disposição para cumprir minhas tarefas com empenho?

Sabe o quê? Só preciso tomar uma decisão.

Hoje, segunda-feira, decido que vou, sim, dar conta. Decido que vou, sim, conseguir apreciar as preciosidades que me cercam. Decido que vou,

sim, terminar o dia com uma boa sensação de missão cumprida.

Que bom se fosse simples assim.

Mas a verdade é que o relógio está marcando nove horas da noite. E eu? Eu continuo sendo a mesma pessoa que fui ontem, e antes de ontem, e no dia anterior.

Amanhã tento de novo.

Boa noite.



CAPÍTULO II

TERÇA-FEIRA

Acordo esperançosa pela manhã que se inicia. Percebo, então, que os costumeiros primeiros raios de sol não penetraram as frestas da veneziana, lançando finas faixas douradas no chão de madeira. Abro a janela para um dia nublado e cinzento.

Ao me encaminhar até a cozinha, me deparo com a pia repleta de louças sujas, mal havendo utensílios ou espaço livre para o preparo do café da manhã.

Sinto meu humor despencando.

Tom termina o seu banho e, quando vem até mim, está arrumado e perfumado. Tenta me abraçar, mas eu o afasto, deixando claro o meu desapontamento com a bagunça e reclamando de tudo que precisarei fazer hoje.

Aurora desperta, e meu marido procura me tranquilizar, sugerindo que eu tome um banho enquanto os dois preparam, juntos, a nossa primeira refeição do dia.

Enquanto sinto a água caindo pelos meus ombros, penso que, se eu fosse uma pessoa que tivesse o costume de orar, provavelmente agora seria um bom momento para isso. Talvez eu pudesse pedir por calma, por paciência. Mas a verdade é que eu nem saberia por onde começar uma oração, então simplesmente deixo essa ideia de lado.

Desligo a torneira e me visto.

Depois do café da manhã, Tom vai para o trabalho, e eu começo a arrumar a casa. Vou me organizando mentalmente sobre como irei dar conta de tudo que precisa ser feito. Aurora, alheia aos meus pensamentos, fica a cada cinco minutos me chamando para brincar, puxando a minha saia e tentando a todo custo roubar a minha atenção para si.

Ao me virar para lhe dizer que estou ocupada, um copo que estava sendo lavado escorrega das minhas mãos e se estilhaça no chão.

Chega!

Grito com Aurora. Amaldiçoo o trabalho extra que terei. Acuso minha filha de ser a culpada. Sinto raiva.

E, então, enquanto estou agachada pegando os cacos de vidro espalhados pelo piso, ouço Aurora soluçando. Vou até ela.

Seus olhos estão tomados por uma cortina de lágrimas. Sinto a sua dor, a sua tristeza.

Abraço minha filha, beijo seu rostinho molhado.

Com ela no meu colo, pego o celular e ligo para Cecília.

"Posso ir até aí? Preciso de ajuda."

Cecília nos recebe com um sorriso terno e um abraço acolhedor.

Sua casa fica a menos de duas quadras da nossa. Sua amizade foi uma das primeiras que fiz ao nos mudarmos e, assim que a conheci, me senti querida e amparada por essa mulher de riso fácil e palavras gentis.

Tomamos um café preto e forte. Para Aurora, chá de camomila.

Na sala de Cecília, para onde quer que olhemos, nos deparamos com detalhes ricos: porta-retratos estampando rostos felizes, livros com

jeito de que foram lidos muitas vezes, velas quase no fim, caderninhos semiabertos guardando anotações, versos, palavras.

Compartilho com ela sobre minhas frustrações, minha falta de paciência, meu eterno descontentamento.

Cecília não me dá conselhos, não me faz perguntas. Apenas ouve.

Quando termino, ela se levanta, vai até a estante e volta segurando um grande livro, um presente para mim.

Olhando bem nos meus olhos, ela segura minhas mãos com delicadeza, vira minhas palmas para cima e deposita sobre elas o presente.

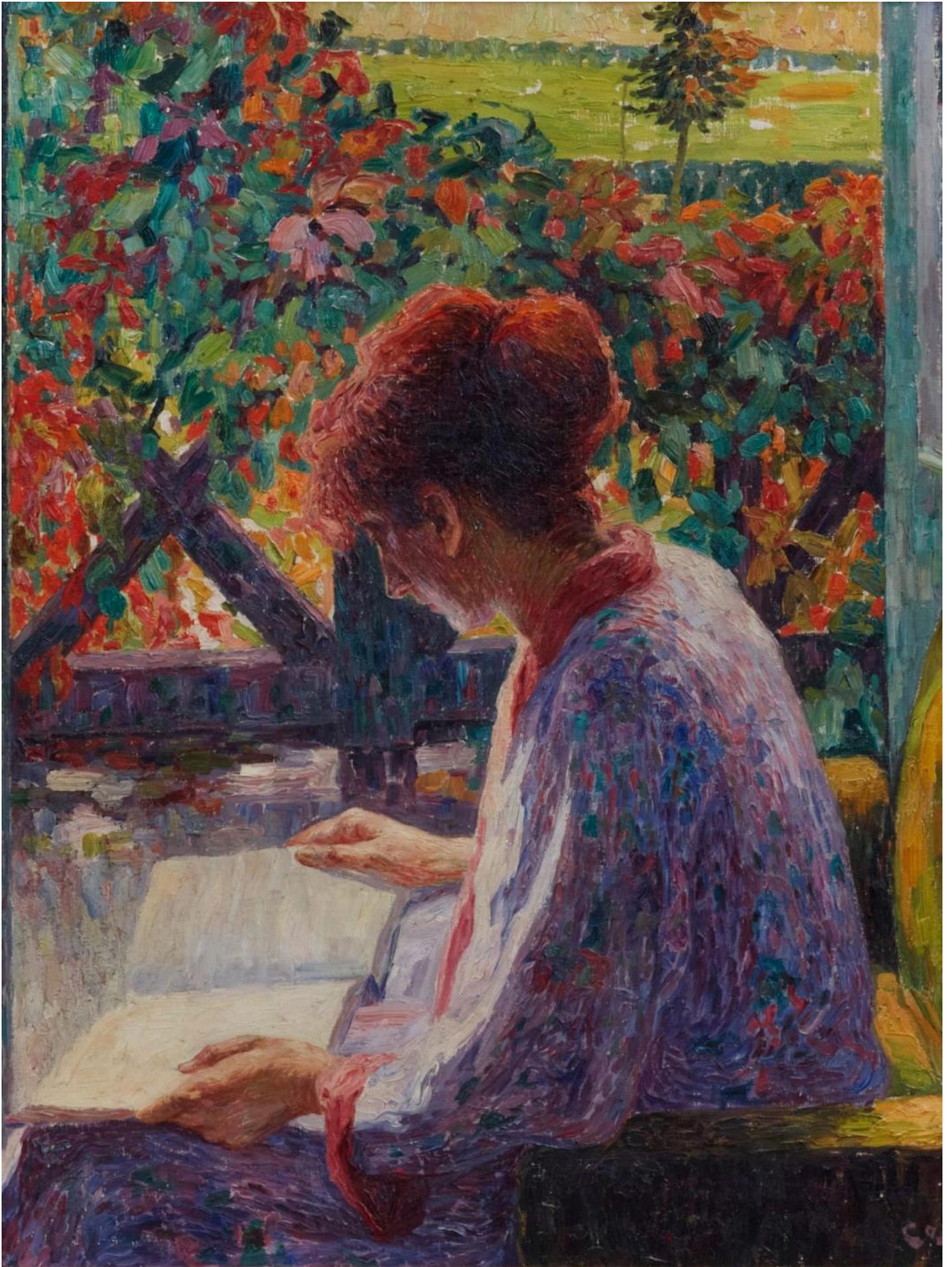
"Leve para casa."

É noite.

Aurora dorme tranquila. Tom lê um livro já deitado.

Apago meu abajur. Fecho os olhos. Antes de pegar no sono, penso no presente de Cecília, que coloquei com cuidado sobre o aparador da sala assim que cheguei em casa.

Uma Bíblia.



CAPÍTULO III

QUARTA-FEIRA

Três da tarde.

Não queria ficar constantemente reclamando, mas a verdade é que a minha visita à casa de Cecília, ontem, não rendeu grandes frutos.

Claro, é sempre bom estar com uma amiga. Conversamos um pouco. Me esqueci da minha rotina enfadonha por um tempo.

Porém, hoje as coisas voltaram à normalidade, àquilo que sempre foram e, sinto dizer, àquilo que provavelmente sempre serão.

Me esforcei para não perder a paciência e, quando estava confiante de que passaria o dia sem nenhum deslize, bem...eis que gritos saíram da minha boca e murmurações tomaram conta da minha mente.

Mas, enfim, "vamos à luta".

Pergunto à Aurora se ela quer ler algum livrinho agora que já terminamos o lanche da tarde, e ela, animada, sai pela casa numa busca por seus livros preferidos.

Ela vem até o sofá cambaleando sob o peso de uma pilha de livros; mal enxergo seu rostinho escondido atrás dos volumes enquanto ela caminha, pé ante pé, até mim. Deposita os livros no meu colo e, de um pulo, senta-se ao meu lado com as perninhas cruzadas e um olhar cheio de expectativa e alegria.

Dou um beijo na sua bochecha corada e, então, começo a separar os livros que Aurora trouxe: "Uma Lagarta muito Comilona", "Bem Lá no Alto", "Gildo". Debaixo de mais uns dois ou três títulos, vislumbro um livro pesado que não reconheço. Tiro os demais de cima e me deparo com

a Bíblia com que Cecília me apresentou.

"Leia esse, mamãe."

Estou prestes a lhe pedir para escolher outro livrinho, quando vejo a ponta de um papel marcando uma das páginas da Bíblia. Abro. Um bilhete escrito à mão traz as palavras: "comece pelo Salmo 23". Encontro o texto mencionado logo no início da página direita. Antes de começar a leitura, penso, brevemente, sobre a possibilidade de que lerei algo que me será completamente incompreensível, mas sigo em frente.

"O Senhor é meu pastor, e nada me faltará.

Ele me faz repousar em verdes pastos e me leva para junto de riachos tranquilos.

Renova minhas forças e me guia pelos caminhos da justiça; assim, Ele honra o Seu nome.

Mesmo quando eu andar pelo escuro vale da morte, não terei medo, pois Tu estás ao meu lado.

Tua vara e Teu cajado me protegem.

Preparas um banquete para mim na presença de meus inimigos.

Unges minha cabeça com óleo; meu cálice transborda.

Certamente a bondade e o amor me seguirão todos os dias de minha vida, e viverei na casa do Senhor para sempre."

Minha garganta se fecha, e eu sinto meus olhos se encherem de lágrimas.

Uma sensação de calor invade meu estômago, meu coração.

"Que lindo, mamãe!".

Abraço Aurora.

Sinto uma paz imensurável, uma sensação de que algo foi preenchido, um vazio deixou de existir.

É noite.

Quando fecho a portinha do quarto da minha filha, que dorme profundamente, vou até a cozinha onde Tom prepara um chá para nós dois. Sento-me numa banquetta alta, e ele coloca sobre a mesa duas xícaras fumegantes.

Conto a ele sobre o que aconteceu hoje, e Tom me pede para que leia em voz alta o salmo.

Lemos também outras passagens. Conversamos. Refletimos.

Os minutos e as horas voam e, quando nos damos conta, já passou em muito do nosso horário costumeiro de irmos nos deitar. Fecho a Bíblia, vou ao quarto e a coloco, com delicadeza, na minha mesa de cabeceira.

Será que era isso que me faltava durante todos esses anos?



CAPÍTULO IV

QUINTA-FEIRA

(SOBRE AURORA)

Aurora desperta com a voz de sua mãe cantarolando baixinho.

A menina pula da cama e vai até o bercinho de madeira que fica ao lado da janela. Com delicadeza, pega a boneca de dentro do berço e, com ela firme sob seu braço esquerdo, usa a outra mão para abrir as cortinas, deixando a luz morna do sol banhar seu rosto.

Caminha rapidamente até a cozinha e vê sua mãe separando os ingredientes para o café da manhã. Quando olha para a filha, um sorriso ilumina o rosto de Ana.

"Bom dia!"

Um abraço.

A pequena pergunta à mãe se não podem brincar um pouco juntas antes da refeição.

Esperava que receberia um "não, agora não posso" ou talvez um "quem sabe mais tarde?". Mas a resposta foi um vibrante "claro!".

Ana desamarra o avental e o pendura no encosto da banquetta da cozinha.

Se a vida fosse um filme, veríamos agora uma cena em que a cozinha vazia mostra traços cheios de vida:

o saco de papel com pão semiaberto sobre a mesa;

os ovos já quebrados numa tigela (ao lado, estão esquecidas duas ou três pequenas e frágeis cascas de um tom azulado);

a xícara de café já usada;

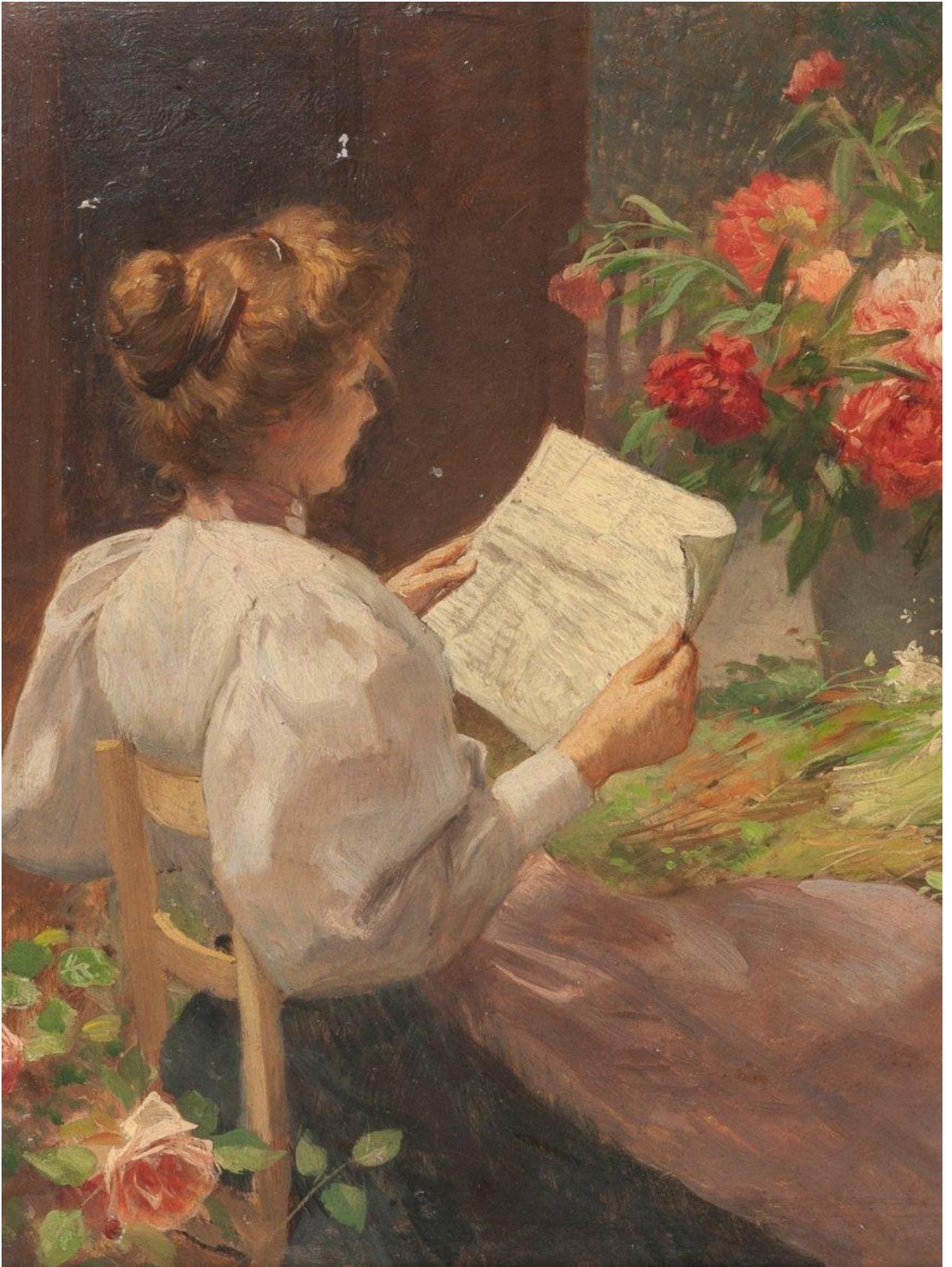
a cortina de voil balançando com a brisa suave da manhã;
o som de risadas vindo do quarto de Aurora.

Mãe e filha aproveitam a manhã juntas: em meio a brincadeiras, leituras e tarefas da casa, acontecem conversas, sorrisos, ensinamentos, broncas, perdão. Aurora sente-se feliz, segura, querida.

"Mamãe, mesmo quando faço algo errado, você continua me amando?"

"Sempre."

E assim, na vida comum do dia a dia, a pequena família de Ana vai vivenciando, na prática, o amor incondicional de Deus.



CAPÍTULO V

SEXTA-FEIRA

Engraçado como tudo pode passar a fazer sentido de repente.

Ainda fraquejo, tropeço. Mas entendo o meu propósito. E essa clareza me dá forças para voltar ao rumo quando as coisas saem dos trilhos.

Depois de semanas sem trabalhar na minha arte, hoje me sinto inspirada. Aurora está no seu quartinho sentada no tapete em meio a todos os seus bichinhos de pelúcia e batendo um papo animado com cada um deles. Caminhando nas pontas dos pés, para não pisar em nenhum brinquedo, vou até ela e planto um beijo em sua cabecinha.

Saio do quarto, me desviando dos bichinhos e vou até a cozinha. Coloco algumas pedras de gelo num copo alto, despejo um tanto do café que está na garrafa térmica e finalizo com um pouco de xarope de bordo. Levo a bebida até o meu quarto e deposito o copo na minha escrivaninha, que fica sob a janela e recebe uma dose generosa do sol do fim da manhã.

Abro meu laptop e deixo minha criatividade fluir para as pontas dos meus dedos.

Transformação

A rua que desce...

sem fim

O fim que surge...

na rua

A descida é suave,

O fim é assustador

A rua que desce...

sem fim

O fim que surge...

na rua

Em vez de bater,

Abri a portã

Novas ruas surgiram!

Passagens e versículos vêm à minha mente.

"Entrai pela porta estreita"

"Eu sou a porta, quem entra por mim será salvo"

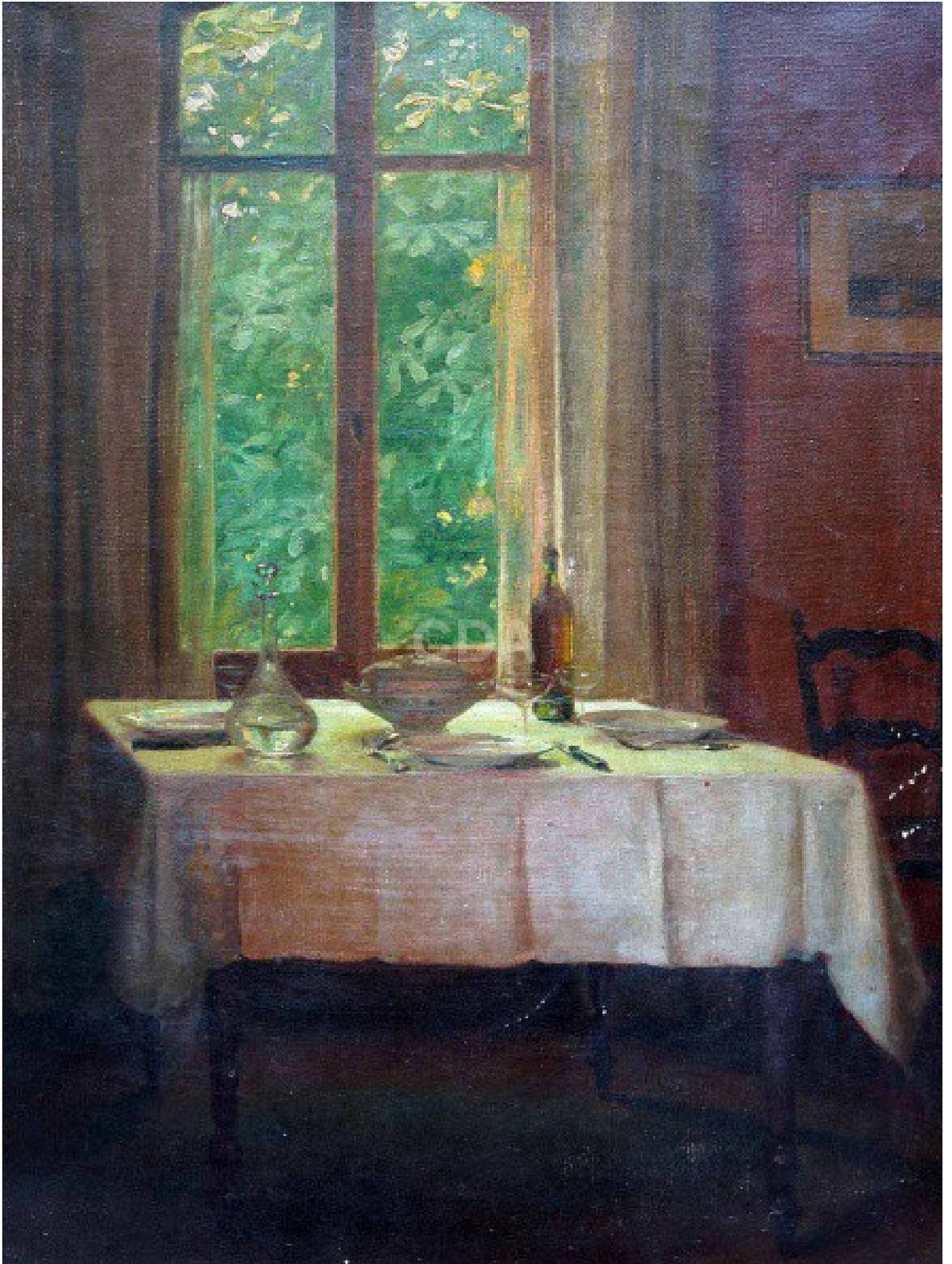
Salvo o arquivo.

Dou um último gole no meu café e fecho meu laptop.

Lá fora, vejo alguns pássaros pousando nos galhos floridos da quaresmeira.

Respiro fundo, e um sorriso estampa meu rosto.

Sim. Eu quero entrar.



CAPÍTULO VI

SÁBADO

Puxa.

Vou ser bem sincera: achei que, começando nessa vida devocional, tudo ficaria mais fácil.

Imaginei que os problemas não apareceriam com tanta frequência. Julguei que eu não precisaria me esforçar tanto para não perder a paciência.

Acreditei que viver para a glória de Deus seria tão natural quanto piscar ou respirar.

Sinto como se eu tivesse voltado à estaca zero.

Por que ontem tudo parecia tão leve e tranquilo, e hoje o peso da vida voltou a se alojar sobre os meus ombros? O pior de tudo é que, agora, essas ondas de descontentamento acabam me trazendo a sensação de culpa, de incompetência. Como posso não agradecer pela graça em minha vida?

Me apoio na bancada da cozinha, uma xícara de café nas mãos.

Meus olhos estão fixos na vista do jardim que se estende através da janela, mas não enxergo nada além dos meus próprios pensamentos.

Hoje havíamos combinado de tomar um café da tarde com Cecília, mas não sinto a menor vontade de sair de casa.

O telefone toca e eu caminho vagorosamente até ele.

Cecília, com uma voz fraca, me diz que está se sentindo mal, adoentada: não poderá preparar algo para nos receber.

Sinto o alívio me inundar. Enfim uma boa notícia: poderemos ficar em casa.

O pensamento mal cruza minha mente, e meu coração se corrói em remorso.

Pobre Cecília: que bela amiga ela foi arranjar!

Antes que a culpa me consuma por completo, meu marido, sentado no tapete, montando aviões de papel com Aurora, me pergunta, com preocupação, o que houve.

Não há julgamento, crítica ou reprovação em seu olhar quando lhe conto.

Ele começa a abrir armários e a vasculhar a geladeira:

"Qual o prato preferido da sua amiga?"

"Espaguete com almôndegas, acho."

Tom encontra tudo de que precisa, amarra um avental na minha cintura e chama Aurora para nos ajudar.

"Temos uma missão importante hoje! Vamos nessa?"

Em menos de uma hora, estamos em frente à casa de Cecília carregando uma travessa em ágata tampada para manter o macarrão quente, uma cesta com pães e uma garrafa de suco de uva.

Quando ela abre a porta, Aurora se encarrega de fazê-la sentar-se na poltrona, pés descansando sobre um pufe florido.

Tom e eu arrumamos a mesa na varanda sombreada e florida.

E assim enxergo, com clareza cristalina, as bênçãos tão abundantes que me cercam.

E percebo, novamente, que sou perdoada e recebo mais uma chance.

Obrigada, meu Pai!



CAPÍTULO VII

DOMINGO

A vida flui.

Algumas vezes vamos seguindo suavemente, como que flutuando em riachos tranquilos.

Outra vezes, sentimos que estamos num mar revolto em meio a uma tempestade feroz.

Altos e baixos, calma e tribulações, planos concretizados e planos frustrados.

Hoje acordei perdendo hora. Meu primeiro pensamento foi de que eu já começaria a manhã sem cumprir as primeiras tarefas do meu planejamento. Mas, o engraçado é que, pela primeira vez, isso não me trouxe aquela pontada aguda de desapontamento. A sensação que me invadiu, em vez disso, foi de aceitação.

Não consegui cumprir algo ou cometi um erro? Tudo bem. Percebo que é necessário mais esforço e, por enquanto, vou fazendo o meu melhor com o restante desse dia com que fui presentada.

Minha oração constante agora é que Deus guie meus passos e me direcione, com suavidade, pelas alegrias e percalços do caminho que Ele preparou para mim.

E quero dizer algo para você.

Sim, você, querida leitora, que acompanhou a minha jornada por uma semana!

Morros e vales fazem parte da nossa existência: que nossas subidas e descidas sejam corajosamente vividas com intencionalidade e clareza de nosso propósito.

"Peçam, e lhes será dado; busquem, e encontrarão; batam, e a porta lhes será aberta.

Pois todo o que pede, recebe; o que busca, encontra; e àquele que bate, a porta será aberta."

Mateus 7:7-8







